

Coluna do Castello

Por que falta apoio a Sarney

O PMDB oficializou sua divisão interna ao comparecer, por uma de suas alas, a Esquerda Independente, ao Palácio do Jaburu para uma longa troca de impressões com o Presidente da República. A Esquerda não foi levada a Palácio pelo presidente do partido e a observação mais objetiva que o Sr José Sarney fez no encontro foi sobre a ausência de apoio parlamentar ao seu Governo. Fundado pela Aliança Democrática, integrada pela maioria absoluta dos membros do Senado e da Câmara, o Governo não tem suas iniciativas políticas e administrativas respaldadas pela bancada parlamentar.

O presidente do partido, Sr Ulysses Guimarães, rejeitou a missão de coordenar um pacto nacional, tarefa de que se incumbirá o próprio Presidente da República e não uma comissão de ministros, conforme sugeriu o Deputado Francisco Pinto. O projeto de execução da reforma agrária, rejeitado pelas entidades patronais e criticado pela imprensa, não encontrou defensores na Câmara, nem mesmo entre os esquerdistas que foram ao diálogo do Jaburu. Também a nova fórmula para pagamento das prestações da casa própria, que o Presidente considera a concessão possível no momento, não encontrou defesa dos que o apóiam oficialmente. Sequer o projeto do Ministro Almir Pazzianotto sobre negociação salarial mereceu simpatia do partido.

O Sr Sarney, no entanto, fez uma confidência aos visitantes, revelando-lhes a fórmula de negociação da dívida externa, que não será a mesma de Tancredo Neves, cujo compromisso com o FMI não foi endossado pelo atual Presidente. Mas se ela foi considerada melhor, não atende ao ideário levado ao Jaburu pelos dirigentes da Esquerda Independente, que assim continua a ter uma posição divergente em relação à matéria.

Não é difícil, no entanto, perceber as razões dessa falta de apoio expresso da bancada do PMDB e também da bancada do PFL ao Presidente da República. A Aliança Democrática está em desagregação tanto quanto o grande partido que comandou a oposição ao regime militar. As bases parlamentares não têm um pensamento uniforme e há o permanente receio de que o Presidente faça opções que não agradem a todas as correntes. A Esquerda Independente não quer comprometer-se com o Governo do qual participa formalmente e que formalmente endossa. Na realidade, a esquerda percebe que o Governo do Sr Sarney não é o Governo com que sonhava nos comícios das Diretas-já. Mas, na verdade, o Governo que Tancredo Neves faria não seria menos divergente em relação à ideologia expressa pela dissidência do PMDB. Tancredo, de certo modo, situava-se à direita de Sarney, embora tivesse um trato tradicional com os grupos esquerdistas de oposição.

Há, portanto, uma fonte ideológica que explica a desconfiança dos 80 deputados da Esquerda Independente em relação ao Governo. Mas o PMDB tem 200 deputados e a parte mais numerosa do partido também não está respaldando a ação do Governo. A explicação corrente é que o Sr José Sarney até hoje não preencheu os cargos do terceiro escalão por divergências entre o PMDB e o PFL. O silêncio dessa maioria seria uma forma de protesto contra a omissão que o Presidente simplesmente não pode suprir, por ter para cada cargo uma lista que oscilaria entre 5 e 50 nomes. Essa é a faixa fisiológica que define uma parte do desentrosamento entre a bancada e o Governo.

As nomeações, no entanto, sairão, mas na verdade não se pode falar em base sólida de sustentação do Governo antes que se realize a eleição municipal de novembro. Só a partir de então é que haverá balanço de forças. É que o PMDB e a Frente Liberal saberão se podem ainda conviver ou se podem até mesmo sobreviver com grandes forças partidárias. O PMDB logo em seguida à eleição, isto é, em dezembro, deverá eleger sua nova Comissão Executiva Nacional. O Sr Ulysses Guimarães, que atravessa uma fase de desânimo, terá dificuldades de reeleger-se presidente, sobretudo se o PMDB não eleger o Prefeito de São Paulo.

A principal resistência à continuação no posto do presidente do PMDB está, todavia, na Esquerda Independente, grupo do qual já emergiu no começo do ano a candidatura do Deputado Alencar Furtado, que ameaçou a eleição do Sr Ulysses Guimarães a presidente da Câmara. O PMDB procurará um termo de composição das suas principais correntes em outro nome, segundo as previsões generalizadas, embora, retirado Ulysses, não seja fácil encontrar nos dois grandes Estados — São Paulo e Minas — liderança alternativa que congregue o partido.

Os partidos estão em crise e o PFL também poderá ser tragado pela articulação de um novo partido de centro. Não será difícil para o Presidente Sarney entender, assim, por que lhe falta apoio no Congresso. Lá estão todos em expectativa. E até o fim do ano é possível que o apoio ao Presidente se meça pelo número de ministros e pela ocupação das faixas de poder dos demais escalões da administração.